

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

A INFLUÊNCIA DAS CATEGORIAS OLD MONEY E NEW MONEY NA
DINÂMICA DA RELAÇÃO ENTRE GATSBY E DAISY EM “O GRANDE GATSBY”,
DE F. SCOTT FITZGERALD ¹

THE INFLUENCE OF THE OLD MONEY AND NEW MONEY CATEGORIES ON THE
DYNAMICS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN GATSBY AND DAISY IN “THE
GREAT GATSBY”, BY F. SCOTT FITZGERALD

Tália Milena Araújo Costa²

Cosmo Jadson Alves Leite³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar como as diferenças entre as categorias econômicas e sociais *old money* e *new money* são construídas e representadas em *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, a partir das personagens Daisy Buchanan e Jay Gatsby, com evidência nos aspectos culturais, sociais e econômicos que sustentam essas categorias. A pesquisa teve seu desenvolvimento através de uma abordagem interpretativa, embasada em métodos analíticos de crítica literária, com o intuito de desenvolver uma discussão de maneira crítica, buscando não apenas descrever os fenômenos identificados, mas também avaliar as implicações culturais e simbólicas da narrativa de Fitzgerald. A partir da dinâmica da relação entre as personagens é analisado como existe barreiras além das econômicas entre seus mundos, e como Fitzgerald usa de sua narrativa como crítica ao mito do “Sonho Americano”. Conclui-se que as classes sociais *old money* e *new money* não condizem apenas às diferenças financeiras, mas como sistema de poder e exclusão, e que independente de suas vontades e conquistas, Gatsby jamais estaria na mesma posição social que Daisy.

Palavras-chave: O Grande Gatsby; Sonho Americano; Old Money; New Money.

ABSTRACT: This article aims to analyze how the differences between the economic and social categories of old money and new money are constructed and represented in F. Scott Fitzgerald's *The Great Gatsby*, based on the characters Daisy Buchanan and Jay Gatsby, highlighting the cultural, social, and economic aspects that underpin these categories. The research was developed through an interpretive approach, based on analytical methods of literary criticism, aiming to create a critical discussion, seeking not only to describe the identified characteristics but also to evaluate the cultural

¹Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras/Inglês, da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), campus Caraúbas, como requisito total para obtenção do título de licenciado em Letras/Inglês em 2025.1.

²Discente do curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa. E-mail: talia.costa@alunos.ufersa.edu.br.

³ Professor orientador. E-mail: cosmoleite@ufersa.edu.br.

and symbolic implications of Fitzgerald's narrative. Based on the dynamics of the relationship between the characters, the article examines the barriers that exist beyond economic ones between their world, and how Fitzgerald utilizes his narrative as a critique of the myth of the "American Dream." The conclusion is that the social classes of old money and new money are not only related to financial differences, but also to a system of power and exclusion, and that, regardless of his desires and achievements, Gatsby would never be in the same social position as Daisy.

Keywords: The Great Gatsby; American Dream; Old Money; New Money.

1 INTRODUÇÃO

A literatura é um espelho das transformações sociais, culturais e econômicas que atravessam as sociedades ao longo do tempo. No caso específico dos Estados Unidos, poucos autores capturam tão intensamente os dilemas, aspirações e contradições da modernidade emergente do início do século XX quanto F. Scott Fitzgerald, em *O Grande Gatsby* (1925).

Este romance, ambientado durante a Era do Jazz, examina a sociedade estadunidense em uma época marcada pela opulência desenfreada, pelas profundas desigualdades econômicas e pelas mudanças nos valores tradicionais. No centro dessa narrativa, dois personagens, Jay Gatsby e Daisy Buchanan, representam forças contrastantes que exploram a tensão entre dois mundos econômicos e culturais: o *old money* e o *new money*.

O termo *old money* refere-se às fortunas herdadas de gerações anteriores, associadas a famílias tradicionais que detêm poder e influência social há décadas ou séculos. Já o *new money* caracteriza os indivíduos que acumularam riqueza recentemente, muitas vezes através de esforços próprios, frequentemente desafiando as normas sociais que restringiam a ascensão econômica (Silva, 2024). Na Nova Iorque ficcionalizada de Fitzgerald, essas categorias sociais e econômicas encontram personificações vivas em Daisy, que encarna a elegância e a estabilidade do dinheiro herdado, e Gatsby, um homem feito por si mesmo, cuja fortuna é cercada de rumores e suspeitas. Essa oposição não se restringe ao campo financeiro, mas se desdobra em valores, aspirações e identidades profundamente contrastantes.

A relação entre Gatsby e Daisy, por sua vez, não apenas personifica a divisão entre *old money* e *new money*, mas também serve como uma metáfora poderosa para as barreiras intransponíveis que estruturam a sociedade estadunidense da época. Embora Gatsby dedique sua vida a construir um ideal que o tornaria digno do amor de Daisy, sua fortuna jamais consegue transcender os preconceitos e as limitações impostos pela elite tradicional. Daisy, por outro lado, embora encantada pela energia e pelo romantismo de Gatsby, nunca demonstra disposição para romper com o conforto e a segurança de sua posição privilegiada.

A relevância desta análise ganha ainda mais profundidade quando inserida no contexto histórico e cultural da década de 1920, um período de profundas transformações nos Estados Unidos. A Primeira Guerra Mundial havia redefinido os papéis sociais e os horizontes econômicos, enquanto a Lei Seca e a ascensão do crime organizado criavam oportunidades para que indivíduos de origens humildes acumulassem fortunas rapidamente. Entretanto, a ascensão econômica desses “novos ricos” não era suficiente para garantir aceitação ou pertencimento nos círculos sociais da elite. Esse dilema está no cerne da tragédia de Gatsby, que, apesar de seu imenso sucesso material, permanece um outsider, incapaz de conquistar a legitimidade que tanto almeja.

Fitzgerald constrói a narrativa de *O Grande Gatsby* com uma sensibilidade aguda para os detalhes simbólicos, tornando East Egg e West Egg, as duas comunidades onde vivem os personagens, representações espaciais dos mundos distintos do *old money* e do *new money*. East Egg, com suas mansões imponentes e seus residentes de linhagem aristocrática, representa a tradição e a estabilidade do dinheiro herdado. Já West Egg, onde Gatsby constrói sua extravagante mansão, reflete a energia e o dinamismo, mas também o caráter efêmero e questionável do novo rico. Assim, a geografia do romance reforça as barreiras que dividem esses dois mundos, enfatizando a distância entre as aspirações de Gatsby e a realidade de Daisy.

A relação complexa entre Gatsby e Daisy também permite uma reflexão sobre as questões de gênero e poder em *O Grande Gatsby*. Daisy, enquanto mulher inserida na esfera do *old money*, é simultaneamente uma figura de desejo e de controle. Embora Gatsby a idealize como um símbolo de pureza e perfeição, a personagem possui suas próprias contradições, revelando um senso prático e uma disposição para preservar seus privilégios, mesmo que isso signifique sacrificar as relações pessoais. Essa dinâmica não apenas destaca a desigualdade entre os gêneros, mas também ilustra como as estruturas sociais de classe e poder moldam as escolhas e os destinos dos indivíduos.

Este artigo propõe uma investigação detalhada das diferenças entre Gatsby e Daisy, analisando como as categorias de *old money* e *new money* influenciam seus valores, comportamentos e perspectivas sobre o mundo. Ao longo do estudo, serão mobilizadas contribuições teóricas de áreas como estudos literários, história social e economia cultural, com o objetivo de contextualizar a obra de Fitzgerald em sua complexidade histórica e simbólica.

A investigação também busca problematizar as idealizações de Gatsby e Daisy, questionando os limites e as implicações dessas construções simbólicas. Se, por um lado, Gatsby representa a busca incessante pelo sonho americano, seu destino trágico expõe as

falácias e os custos desse ideal. Por outro, Daisy, muitas vezes criticada por sua superficialidade e apatia, pode ser entendida como um produto das restrições e expectativas impostas às mulheres de sua classe social. A interação entre os dois, mediada pelas diferenças econômicas e culturais, é examinada como um microcosmo das tensões sociais mais amplas do período.

Com essa abordagem, espera-se contribuir para um entendimento mais amplo de *O Grande Gatsby* enquanto um texto que, ao mesmo tempo, reflete e questiona as normas de sua época. Ao investigar as nuances que distinguem Gatsby e Daisy, este estudo almeja lançar luz sobre as implicações sociais, culturais e éticas que atravessam o romance, reafirmando sua importância como um dos retratos mais perspicazes da sociedade estadunidense do século XX.

A importância deste estudo reside no fato de que *O Grande Gatsby* transcende seu contexto histórico original e dialoga com questões contemporâneas, como as desigualdades econômicas impostas pela elite tradicional. A oposição entre *old money* e *new money*, explorada por Fitzgerald, é uma questão central na formação da identidade estadunidense, cuja narrativa frequentemente exalta o ideal de ascensão econômica e meritocracia, enquanto esconde as restrições sistêmicas que perpetuam privilégios de classe. Dessa forma, a análise dessas categorias econômicas e sociais nos personagens do romance permite desmistificar noções idealizadas do “sonho americano”, oferecendo uma perspectiva crítica tanto para o entendimento da obra quanto para questões sociais atuais.

A escolha de Daisy e Gatsby como foco deste estudo é igualmente relevante, pois ambos são construídos de maneira multifacetada, funcionando como símbolos e, ao mesmo tempo, como personagens profundamente humanos. Daisy, frequentemente reduzida a uma representação da superficialidade do *old Money*, apresenta nuances que refletem as limitações impostas às mulheres em seu contexto histórico e social. Já Gatsby, com sua busca obstinada pelo sonho e pela aceitação, exemplifica as tragédias associadas à ascensão social em um sistema rigidamente estratificado. A interação entre essas personagens encapsula as contradições do romance, revelando como valores econômicos e culturais moldam tanto as relações interpessoais quanto as aspirações individuais.

No contexto acadêmico do curso de Letras-Inglês, a análise de *O Grande Gatsby* também é altamente pertinente, pois possibilita a articulação entre literatura, história e cultura. Essa obra, com seu uso sofisticado de metáforas, simbolismos e construção narrativa, oferece aos estudantes de Letras uma oportunidade rica para a prática da análise literária, ao mesmo tempo que demanda o emprego de conhecimentos interdisciplinares. Além disso, a obra de Fitzgerald proporciona um valioso estudo de linguagem, com sua prosa irônica, esnobe e muito

ácida quanto aos valores dos Estados Unidos do início do século XX, favorecendo o desenvolvimento de habilidades interpretativas essenciais para a formação de professores e pesquisadores na área.

Por fim, este trabalho tem como principal objetivo analisar como as diferenças *entre old money* e *new money* são construídas e representadas em *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, a partir das personagens Daisy Buchanan e Jay Gatsby, evidenciando os aspectos culturais, sociais e econômicos que sustentam essas categorias e suas implicações simbólicas na narrativa.

Contudo, tem como objetivos específicos a) investigar a construção das personagens Daisy Buchanan e Jay Gatsby no romance, com foco nas suas características textuais e simbólicas que expressam pertencimento e exclusão dentro das categorias *old money* e *new money*; b) relacionar a oposição entre as duas categorias à crítica do sonho americano presente no romance, considerando os contextos histórico e cultural dos Estados Unidos nos anos 1920; e c) articular a teoria da classe ociosa, de Thorstein Veblen, à análise do consumo conspícuo e da ociosidade como marcadores de distinção social entre as personagens, avaliando como essas práticas reforçam as tensões de classe no romance.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A categoria personagem

A análise da categoria personagem é central para a compreensão das dinâmicas entre Daisy Buchanan e Jay Gatsby em *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald. A personagem literária não é apenas um veículo narrativo, mas também um constructo que reflete e problematiza os valores e as contradições da sociedade que a gera. Para compreender as nuances entre Gatsby e Daisy, é fundamental considerar as contribuições teóricas sobre o conceito de personagem e seu papel nas narrativas literárias.

Segundo Antonio Candido, o personagem “é o principal elemento de concretização da história, o ponto de ligação entre o leitor e o texto” (Candido, 2007, p. 60). Por meio da personagem, o leitor não apenas se identifica, mas também compreende os conflitos internos e externos que estruturam a narrativa. Em *O Grande Gatsby*, Gatsby e Daisy funcionam como representações de ideais opostos: ele, o self-made man, encarna o dinamismo do *new money*; ela, por outro lado, simboliza a tradição e a estabilidade do *old money*. Fitzgerald constrói esses

personagens como entidades complexas, permitindo que suas interações revelem tanto a atratividade quanto os limites de seus respectivos mundos.

A personagem também opera como um campo de tensões entre o psicológico e o simbólico, como aponta Wolfgang Kayser: “o personagem é, ao mesmo tempo, ser humano e signo, pois encarna ideias e valores além de suas ações individuais” (Kayser, 1968, p. 75). Gatsby, por exemplo, transcende sua individualidade para simbolizar o sonho americano. Sua ascensão material é acompanhada por um idealismo romântico, resumido na obsessão por Daisy. Essa idealização é evidenciada quando o narrador afirma: “a voz dela está cheia de dinheiro” (Fitzgerald, 2011, p. 181). Aqui, Daisy deixa de ser apenas uma pessoa e se torna um símbolo do status e do poder que Gatsby almeja.

Já Daisy, enquanto personagem, desafia leituras unidimensionais. Sua posição como figura de desejo e privilégio é temperada por uma apatia que reflete o esvaziamento imposto pela posição feminina na alta sociedade. Embora Gatsby a idealize como um modelo de perfeição, Fitzgerald insere nuances que subvertem essa visão: Daisy hesita em romper com o marido, Tom Buchanan, mesmo reconhecendo sua infidelidade. Sua relutância não é apenas pragmática, mas também emblemática das expectativas de sua classe e gênero.

Do ponto de vista narratológico, a personagem é também um produto do discurso que a constrói. De acordo com Mieke Bal, “o personagem só existe por meio de suas manifestações no texto, seja pela descrição, pela ação ou pelo discurso” (Bal, 2021, p. 111). Em *O Grande Gatsby*, essas três dimensões se entrelaçam para criar a complexidade de Gatsby e Daisy. Gatsby é descrito como um homem de carisma e mistério, cuja origem humilde é obscurecida por suas conquistas materiais: “Era um daqueles raros sorrisos com o ar de eterno consolo” (Fitzgerald, 2011, p.111).

Por outro lado, Daisy é apresentada como graciosa, mas volúvel, em uma descrição que sugere sua conexão com o *old money*: “Eles eram pessoas descuidadas, Tom e Daisy – esmagavam coisas e criaturas e depois se protegiam por trás da riqueza ou de sua vasta falta de consideração” (Fitzgerald, 2011, p. 239).

Vale destacar que essas descrições são dadas por um narrador não confiável, Bal (2021) define o narrador homodiegético como aquele que participa da história que narra, o que é o caso de Nick Carraway, personagem-narrador do romance. Essa posição interna ao universo diegético compromete sua imparcialidade e torna sua narrativa sujeita a filtros emocionais e ideológicos. Ainda segundo a autora, a análise da narrativa exige atenção à focalização, ou seja, à instância que determina “quem vê” a ação narrada. Em *O Grande Gatsby*, Nick desempenha

ambos os papéis, narrador e principal focalizador, conduzindo a percepção dos leitores a partir de sua própria ótica.

Além disso, a relação entre personagem e contexto social é um ponto central para teóricos como Lukács. Em *A Teoria do Romance*, Lukács argumenta que “o personagem no romance moderno não é apenas um indivíduo, mas também um reflexo das contradições e crises da sociedade burguesa” (Lukács, 2000, p. 67). Gatsby e Daisy, sob essa perspectiva, exemplificam as tensões entre mobilidade social e exclusão, idealismo e materialismo, amor e status. Gatsby, em sua busca por pertencimento, revela as falácias do sonho americano, enquanto Daisy, com sua recusa em deixar Tom, expõe a força coercitiva das tradições aristocráticas.

Portanto, ao estudar a categoria personagem em *O Grande Gatsby*, percebe-se que Gatsby e Daisy não são apenas indivíduos fictícios, mas representações carregadas de significado social, histórico e cultural. A análise dos personagens fornece não apenas um entendimento mais rico do romance, mas também uma lente para explorar os valores e contradições da sociedade estadunidense dos anos 1920.

2.2 Os anos 1920, Era do Jazz e o Sonho Americano

A década de 1920 foi um período de transformações profundas nos Estados Unidos, marcado pela prosperidade econômica, mudanças culturais significativas e uma crise dos valores tradicionais. Conhecida como a Era do Jazz, conforme analisa Hobsbawm (1995), essa época inaugurou novas formas de consumo, comportamentos e expectativas sociais, tornando-se o palco ideal para a narrativa de *O Grande Gatsby* (1925), de F. Scott Fitzgerald, cuja obra não apenas retrata as dinâmicas sociais desse momento histórico, mas também problematiza os ideais associados ao chamado “sonho americano”.

O estudo desse contexto histórico e cultural é essencial para compreender as diferenças entre Gatsby e Daisy, uma vez que ambos simbolizam aspectos centrais dessa era de mudanças. Segundo Churchwell (2014) o termo Sonho Americano, cunhado no início do século XX, refere-se à ideia de que a mobilidade social e o sucesso financeiro estão ao alcance de qualquer indivíduo que trabalhe arduamente.

Essa narrativa nacional, fundada sobre os princípios de liberdade e igualdade de oportunidades, como lembra Hobsbawm (1995), foi reconfigurada na década de 1920, quando o crescimento econômico sem precedentes gerado pela Primeira Guerra Mundial e pela

Revolução Industrial criou uma classe de ricos que desafiaram as elites tradicionais. Para Gatsby, o Sonho Americano é mais do que a busca pela ascensão econômica; é também um ideal de perfeição pessoal, simbolizado por seu desejo de conquistar Daisy, a mulher que representa o mundo exclusivo do *old money*.

No entanto, Fitzgerald expõe as falácias e contradições desse sonho ao longo de *O Grande Gatsby*. O narrador, Nick Carraway, descreve Gatsby como alguém que “fez tudo por uma única garota, esperando que, se acumulasse bastante riqueza, pudesse recriar o passado que haviam compartilhado” (Fitzgerald, 2011, p. 172). Essa tentativa de reconciliar as promessas do sonho americano com as barreiras de classe e tradição revela a tragédia subjacente ao ideal de Gatsby: a impossibilidade de transcender as hierarquias sociais profundamente enraizadas.

A Era do Jazz, como observa Sarah Churchwell (2014) foi uma época de excessos e celebrações, mas também de instabilidade e desilusão. Gatsby, com suas festas extravagantes, simboliza o espírito desse período, onde o novo dinheiro buscava demonstrar sua relevância social por meio de um consumismo ostensivo. Nick descreve essas festas como “ilusões feitas de ruídos e luzes, onde a gente se perdia, mas nunca pertencia” (Fitzgerald, 2011, p. 114). Essa descrição evidencia a efemeridade das conquistas materiais de Gatsby, marcadas pela ausência de legitimação social.

Por outro lado, Daisy representa o lado estático e exclusivo do *old money*, com suas raízes na aristocracia tradicional da Nova Inglaterra. Ao contrário de Gatsby, cuja riqueza é cercada de rumores e desconfiança, Daisy não precisa provar sua posição: ela é uma herdeira de um sistema que perpetua privilégios. Em uma das cenas mais emblemáticas, Tom Buchanan ridiculariza Gatsby, chamando-o de “um senhor ninguém de lugar nenhum” (Fitzgerald, 2011, p. 191). Essa oposição entre o dinamismo do *new money* e a imutabilidade do *old money* reflete as tensões sociais mais amplas da década de 1920, quando a mobilidade econômica desafiava, mas não derrubava, as hierarquias sociais tradicionais.

O historiador Eric Hobsbawm analisa a década de 1920 como um período de transição, no qual “os valores burgueses e aristocráticos se confrontaram com os ideais emergentes do capitalismo de mercado” (Hobsbawm, 1995, p. 210). Em *O Grande Gatsby*, essas forças estão encarnadas em Gatsby e Daisy, cujos mundos opostos são mutuamente atraídos, mas fundamentalmente incompatíveis. A ambivalência desse momento histórico é capturada pela própria narrativa de Fitzgerald, que mistura o fascínio pelos excessos da Era do Jazz com uma crítica contundente às suas consequências morais.

A Era do Jazz também trouxe mudanças significativas na representação de gênero e nas relações sociais. Daisy, enquanto mulher rica e privilegiada, reflete as ambivalências de sua época. Como destaca Lois Tyson (2006), as mulheres dessa geração foram liberadas de algumas restrições vitorianas, mas ainda estavam subordinadas ao domínio patriarcal. Em sua decisão de permanecer com Tom, mesmo após o confronto com Gatsby, Daisy revela sua adesão aos valores tradicionais do *old money*, que garantem sua segurança financeira e social.

Assim, os anos 1920 e a Era do Jazz fornecem um pano de fundo essencial para compreender as motivações, aspirações e limitações de Gatsby e Daisy. O sonho americano, no contexto do romance, surge como uma promessa sedutora, mas ilusória, que é frustrada pelas estruturas sociais de classe e gênero. Enquanto Gatsby se esforça para alcançar um ideal inalcançável, Daisy permanece presa às convenções que definem seu mundo, reafirmando as divisões intransponíveis da sociedade estadunidense dessa época.

2.3 Theory of Leisure Class

A teoria da classe ociosa (*Theory of Leisure Class*), proposta por Thorstein Veblen em *The Theory of the Leisure Class* (1899), é uma ferramenta fundamental para compreender as dinâmicas econômicas e sociais que permeiam *O Grande Gatsby*. Veblen descreve a classe ociosa como um grupo privilegiado cuja riqueza não deriva necessariamente do trabalho produtivo, mas de um sistema de herança e demonstração conspícua de status. Para ele, o consumo conspícuo de bens de luxo tornou-se um dos principais meios de afirmar posição social. Essa noção é central para a análise das diferenças entre Gatsby, o *self-made man*, e Daisy, herdeira do privilégio aristocrático.

No romance, Jay Gatsby encarna as práticas de consumo conspícuo descritas por Veblen. Suas festas extravagantes, com orquestras completas, fontes de champanhe e mesas cheias de iguarias, são evidências de sua tentativa de legitimar sua posição na elite social. Essas demonstrações de riqueza são, no entanto, marcadas pela artificialidade e pelo desconforto dos convidados, que, apesar de participarem do espetáculo, continuam a tratá-lo como um forasteiro. O consumo conspícuo de Gatsby é, portanto, uma tentativa desesperada de aproximar-se de Daisy e do mundo que ela representa, mas ao mesmo tempo reforça sua exclusão do *old money*, cuja riqueza é mais discreta e associada a um senso de tradição e autenticidade.

Por outro lado, Daisy Buchanan, representante do *old money*, exemplifica o que Veblen denomina “ociosidade conspícua”⁴ (Veblen, 1994, p. 98, tradução nossa). Essa prática é visível em sua vida marcada pelo lazer e pela ausência de responsabilidades produtivas. Desde suas roupas brancas, simbolizando pureza e leveza, até suas descrições como alguém que “fala com uma voz encantadora, cheia de dinheiro” (Fitzgerald, 2011, p. 181), Daisy projeta uma imagem de privilégio inatingível. Ela não precisa exibir riqueza ostensivamente, pois sua posição está assegurada pelo sistema que a sustenta.

Além disso, Veblen argumenta que o consumo conspícuo não é apenas uma demonstração de status, mas também uma forma de exclusão social. No romance, essa exclusividade é ilustrada pela resistência de Tom Buchanan em aceitar Gatsby como um igual. Para Tom, a riqueza de Gatsby não carrega o mesmo peso cultural ou histórico: “Você sabe que muitos desses novos-ricos não passam de contrabandistas” (Fitzgerald, 2011, p. 170). Tom personifica a hierarquia inabalável do *old money*, cujo poder não é apenas econômico, mas também cultural, definido pela herança e pelo tempo.

O contraste entre Gatsby e Daisy, sob a perspectiva da teoria de Veblen, destaca como *O Grande Gatsby* critica a ideia de que a riqueza por si só pode dissolver as barreiras de classe. Gatsby tenta transcender essas divisões por meio de práticas de consumo, mas permanece preso em um sistema que valoriza não apenas a acumulação de bens, mas também a origem e o contexto social associados a eles. Por outro lado, Daisy, como membro da classe ociosa, desfruta de um privilégio passivo que reforça sua posição no topo da hierarquia social.

Assim, a análise da obra à luz da teoria de Veblen revela que *O Grande Gatsby* não apenas explora as desigualdades econômicas, mas também critica as dinâmicas culturais que sustentam essas divisões. O romance expõe como o consumo conspícuo, em vez de democratizar o acesso à elite, serve para reafirmar as fronteiras de exclusão entre as classes sociais.

3 METODOLOGIA

O presente artigo propõe uma análise literária de *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, com foco na oposição entre *old money* e *new money*, representada pelas personagens Daisy Buchanan e Jay Gatsby. Para tanto, foi adotada uma abordagem interpretativa, embasada em métodos analíticos de crítica literária. O objetivo principal é explorar como a oposição entre

⁴ “Conspicuous leisure”.

essas categorias econômicas e sociais reflete tensões culturais e ideológicas da sociedade estadunidense dos anos 1920.

A metodologia se estruturou em três etapas principais: (1) levantamento bibliográfico, (2) análise textual e (3) discussão articulada com os referenciais teóricos. Cada etapa será detalhada a seguir:

3.1 Levantamento bibliográfico

A primeira etapa consistiu na seleção e no estudo de obras teóricas e críticas relevantes para fundamentar a análise. O levantamento bibliográfico inclui fontes primárias e secundárias, organizadas em três eixos:

- **Teoria da Literatura e Categoria Personagem:** Estudos que discutem o conceito de personagem na narrativa, com foco em aspectos como construção, caracterização e relações sociais. Autores como Candido (2007) e Forster (1994) foram centrais para compreender as diferenças entre Daisy e Gatsby enquanto representações de classes sociais e valores culturais.
- **Contexto histórico e cultural da década de 1920:** Obras que abordam a Era do Jazz, o sonho americano e as transformações sociais e econômicas desse período, como Hobsbawm (1995) e Churchwell (2014).
- **Teoria da Classe Ociosa:** O texto de Thorstein Veblen, *The Theory of the Leisure Class* (1994), foi essencial para analisar as dinâmicas de consumo conspicuo e ociosidade como marcadores de status social.

Essa etapa permitiu construir a fundamentação teórica do trabalho e delimitar os conceitos que orientaram a análise textual. As obras foram selecionadas com base em sua relevância acadêmica e alinhamento com o tema do estudo.

3.2 Análise textual

A segunda etapa foi dedicada à leitura e análise de *O Grande Gatsby*, com ênfase nos elementos que evidenciam as diferenças entre Daisy e Gatsby. A análise foi guiada pelos seguintes aspectos:

- **Caracterização e construção das personagens:** Identificar os elementos textuais que definem Daisy e Gatsby, como suas descrições físicas, falas, ações e relações com outras personagens. A análise considerou a voz narrativa de Nick Carraway e sua perspectiva sobre os dois protagonistas, reconhecendo possíveis vieses.
- **Elementos simbólicos:** Examinar o papel de símbolos no romance, como a luz verde e as festas de Gatsby para compreender como essas imagens reforçam as diferenças entre *old money* e *new money*.
- **Diálogos e dinâmicas de poder:** Avaliar as interações entre Gatsby, Daisy e Tom Buchanan, com foco nas trocas discursivas que revelam as hierarquias sociais e os conflitos ideológicos.
- A análise foi estruturada de forma a conectar as características textuais do romance às questões culturais e sociais do período retratado, destacando as implicações simbólicas das categorias econômicas *old money* e *new money*.

3.3 Discussão articulada com os referenciais teóricos

A última etapa consistiu na interpretação dos dados textuais à luz dos referenciais teóricos e do contexto histórico-cultural. O diálogo entre o romance e os textos teóricos permitiu problematizar as categorias de análise e explorar as tensões sociais subjacentes às relações entre Daisy e Gatsby. Essa etapa foi organizada em torno de três questões centrais:

- Como a oposição entre *old money* e *new money* é construída no romance por meio das personagens?
- De que forma os comportamentos de consumo conspicuo e ociosidade refletem as dinâmicas sociais descritas por Veblen?
- Em que medida as relações entre as personagens expressam os conflitos ideológicos da Era do Jazz e do sonho americano?

A discussão foi desenvolvida de maneira crítica, buscando não apenas descrever os fenômenos identificados, mas também avaliar as implicações culturais e simbólicas da narrativa de Fitzgerald.

4 OLD MONEY E NEW MONEY: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO DE DAISY E GATSBY A PARTIR DE ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E ECONÔMICOS PRESENTES EM “O GRANDE GATSBY”

4.1 Daisy Buchanan e Jay Gatsby: a construção das personagens em uma perspectiva de pertencimento e exclusão

Como já destacado, a construção das personagens Daisy Buchanan e Jay Gatsby por F. Scott Fitzgerald em seu livro *O Grande Gatsby* ocorre como representações contrastantes das dinâmicas de pertencimento e exclusão no contexto da sociedade americana da década de 1920, marcada por desigualdade econômica, distinções de classe e a ilusão do sonho americano.

De um lado, temos Daisy Buchanan, personagem que encarna o pertencimento natural ao mundo de uma elite tradicional que detém riqueza há gerações e impõe um código social sutil e excludente, também conhecido como *old money*. Como comenta o personagem Jay Gatsby em um momento, referindo-se à Daisy, “a voz dela é cheia de dinheiro” (Fitzgerald, 2011, p. 181). Esse comentário revela a posição privilegiada e inatingível de Daisy e como até mesmo a sua linguagem corporal representa a estabilidade da classe dominante que, apesar de, aparentemente encantadora e vulnerável, é protegida por uma estrutura social que a favorece. Além disso, a personagem é casada com Tom Buchanan, um herdeiro de uma fortuna familiar, reafirmando o posicionamento de Daisy nesse círculo social fechado.

Jay Gatsby, por outro lado, é a personificação do desejo de inclusão e pertencimento nesse mundo, embora tenha uma fortuna impressionante, continua não sendo aceito totalmente no grupo social dos personagens Daisy e Tom. Sua riqueza, por ter sido adquirida recentemente por meios misteriosos, não lhe garante o reconhecimento social que tanto almeja, afinal de contas, ele não possui a linhagem, os modos nem as conexões que caracterizam o *old money*. Gatsby tenta por meio de festas luxuosas e um comportamento calculado imitar os códigos da elite, mas permanece um *outsider*, imitando o pertencimento sem jamais alcançá-lo.

A verdade era que Jay Gatsby de West Egg, Long Island, havia saído da própria concepção platônica de si mesmo. Ele era um filho de Deus — frase que, se de fato significava alguma coisa, era exatamente isso — e devia ocupar-se dos negócios de seu Pai, a serviço de uma beleza vasta, vulgar e libertina. Então ele inventou precisamente o Jay Gatsby que um menino de dezessete anos seria capaz de inventar, e foi fiel a essa concepção até o fim (Fitzgerald, 2011, p. 160).

Gatsby constrói essa identidade fictícia baseada em um estilo de vida extravagante como

estratégia de aproximação à elite e, mais especificamente, para chamar a atenção de Daisy e reconquistá-la. Mas como explica Judith Butler, identidade é performativa, mas não completamente autodeterminada: ela é regulada socialmente (Butler, 1990). Por mais que Gatsby tente se integrar, ele continua excluído simbolicamente. Sua mansão, localizada em West Egg, está geograficamente e socialmente separada de East Egg, onde vive Daisy, uma divisão espacial que reforça a barreira de classe.

Em seus encontros com Daisy, é possível perceber como Gatsby não compreende totalmente o mundo que ela habita. Em uma discussão com Tom, Gatsby declara: “Ela nunca te amou, ouviu? [...] Só se casou com você porque eu era pobre e ela estava cansada de esperar. Foi um erro terrível, mas no fundo ela nunca amou ninguém além de mim!” (Fitzgerald, 2011, p. 191). Essa fala escancara que o personagem crê que o único obstáculo entre ele e Daisy era a pobreza, demonstrando que ele ainda não entende as forças sociais e simbólicas que mantêm Daisy no mundo de Tom e como a indecisão diante do desejo de Gatsby não é apenas emocional; é também uma escolha de permanência na zona de conforto do privilégio.

A forma como Daisy e Gatsby são construídos em *O Grande Gatsby* mostra como o sentimento de pertencimento está ligado a fatores simbólicos, como a origem, a tradição e a aceitação na sociedade. Gatsby, mesmo sendo rico e admirado por algumas pessoas, acaba sendo um excluído disfarçado de alguém bem-sucedido. Já Daisy, apesar de parecer mais passiva, é protegida pelo sistema social que a cerca.

4.2 Consumo e identidade: a idealização do Sonho Americano como elemento de oposição na narrativa de “O grande Gatsby”

Em sua narrativa, Fitzgerald usa o consumo como uma linguagem social onde comunica status, desejos e identidade. Tudo isso é visto claramente através do personagem de Gatsby, que acredita que por meio da riqueza e do luxo pode reinventar sua identidade completamente, dessa forma se aderindo à crença do Sonho Americano de que qualquer um pode alcançar o sucesso e aceitação social: “Nos fins de semana, seu Rolls-Royce virava uma lotação, transportando convidados das nove da manhã até depois da meia-noite, enquanto sua caminhonete zunia feito um inseto amarelo e ligeiro no encalço dos trens” (Fitzgerald, 2011, p. 102).

Gatsby promove festas extravagantes em sua mansão repletas de convidados, música e bebidas, contudo, esses eventos são apenas uma fachada, uma tentativa de chamar a atenção de

Daisy e de se inserir no grupo social do qual ela pertence e representa. Em um momento do livro, o personagem Nick declara “É uma festa bastante estranha para mim. Ainda não conheço o anfitrião. Eu moro ali – aponte para a cerca invisível à distância – e esse tal de Gatsby mandou seu motorista me trazer um convite” (Fitzgerald, 2011, p. 111). Essa passagem mostra como os convidados frequentavam as festas apenas por ostentação e que não mantinham qualquer vínculo com o anfitrião, e isso não parece incomodar Gatsby, afinal, ele também não procurava criar esses vínculos e se mantinha “ausente” de seus próprios eventos, identificando-se apenas para quem o fosse oportuno como era o caso de Nick, primo de Daisy.

Contudo, apesar de possuir bens materiais, o seu passado como uma pessoa humilde o impede de ser aceito pela elite tradicional, pois, como aponta Pierre Bourdieu, em sua teoria sobre o capital simbólico, não basta deter riqueza econômica: é preciso possuir hábitos e os códigos de uma classe dominante para ser reconhecido como parte dela (Bourdieu, 1989).

Sendo assim, Gatsby embarca em uma encenação do que ele acredita ser o “ideal”, tornando-se um homem moldado pelos bens que possui e se tornando vazio de sua própria essência. Em meio a apagar seu passado ele muda seu nome de James Gatz para Jay Gatsby, inventa uma história de um passado heroico e se cerca de símbolos de prestígio. Mas, tudo não passa de uma performance, que, por mais atraente que seja, não é o suficiente para conseguir o que tanto almeja, o amor de Daisy e a legitimidade social.

Jay Gatsby também é o símbolo da contradição da crença do Sonho Americano, que ao longo da história aparece como um elemento de oposição entre o que se deseja e o que se pode alcançar. Fitzgerald desfaz a ideia de que o sucesso está ao alcance de todos e que este sonho é ilusório e seletivo, como ressalta Sarah Churchwell, “[...]prevendo uma nação que seria adulterada pelo sucesso. Fitzgerald havia demonstrado que uma crença que eles tanto prezavam (que em seis anos aprenderiam a chamar de sonho americano) era um mito [...]” (Churchwell, 2014, p. 325).

Essa contradição pode ser vista na “metáfora da luz verde”. Desde que se mudou para sua mansão em West Egg, Gatsby observa da sua varanda a luz verde localizada no outro lado da baía, no cais da casa de Daisy. Podemos associar essa luz ao seu desejo por Daisy e por tudo aquilo que ele almeja alcançar.

[...] estendeu os braços em direção à água de um jeito curioso e, mesmo à distância, eu podia jurar que estava tremendo. Sem perceber, olhei na direção do mar — e não vi nada além de uma luz verde solitária, minúscula e longínqua, que decerto marcava a extremidade de um cais (Fitzgerald, 2011, p. 85).

A partir dessa cena, logo no primeiro capítulo, podemos perceber a luz verde como algo distante e quase inalcançável, estabelecendo o desejo que marca a jornada de Gatsby durante o restante do livro. Portanto, a luz verde nada mais é do que a representação do Sonho Americano, sempre brilhando longe, de forma sedutora, mas constantemente fora de alcance. Gatsby, por sua vez, acreditava fielmente que poderia alcançar, mas acaba sendo guiado para sua ruína.

Gatsby acreditava na luz verde, no futuro orgástico que, ano após ano, costuma recuar diante de nós. Ontem fomos iludidos, mas não importa — amanhã correremos mais rápido, esticando nossos braços mais além... [...] E assim avançamos, botes contra a corrente, impelidos incessantemente de volta ao passado (Fitzgerald, 2011, p. 241).

Essa fala no final do livro encerra a trágica história de Gatsby, o fracasso de quem buscou sentido na riqueza e acreditava cegamente no Sonho Americano, uma decepção que o levou à morte. Nick, que conviveu entre os dois lados, termina a história desencantado com o estilo de vida da elite tradicional: “Tom e Daisy – esmagavam coisas e criaturas e depois se protegiam por trás da riqueza ou de sua vasta falta de consideração, ou o que quer que os mantivesse juntos, e deixavam os outros limparem a bagunça que eles haviam feito...” (Fitzgerald, 2011, p. 239).

Pode-se dizer que Nick reconhece o mito por trás do Sonho Americano. Assim, Fitzgerald desfaz a ideia de que o Sonho Americano é para todo mundo, sugerindo, como aponta Bourdieu, que na verdade “a distinção” é o que realmente define quem faz parte das elites.

4.3 *Old Money* e *New Money* e a teoria da classe ociosa: uma leitura crítica e analítica das tensões de classe no romance de Fitzgerald

Como já mencionado neste trabalho, o fato de *O grande Gatsby* ser ambientado no contexto histórico e cultural da década de 1920 retrata um período de profundas transformações nos Estados Unidos, em que a Primeira Guerra Mundial havia redefinido os papéis sociais e os horizontes econômicos no país, com novos ricos emergindo e desafiando as velhas elites.

Entretanto, a ascensão econômica desses “novos ricos” não era suficiente para garantir aceitação ou pertencimento nos círculos sociais da elite. Fitzgerald aborda no romance essa tensão entre as classes dos *old money*, representado por personagens como Daisy e Tom, e os *new money*, representados por Gatsby; apontando como suas diferenças vão além da riqueza, pois existe uma barreira cultural e moral entre eles.

Esse conflito pode ser lido através da teoria de Veblen em *The Theory of the Leisure Class* (1994), em que o sociólogo afirma que as classes dominantes preservam suas posições por meio das práticas do consumo conspícuo e da ociosidade visível, que servem para demonstrar superioridade social.

A classe dos *old money*, apresentada na obra, representa a elite americana que herda sua riqueza e valores, sem precisar provar seu prestígio por meio de trabalho, são eles os membros da “classe ociosa” que, segundo Veblen, são um grupo que exerce seu poder social por meio de atitudes de desprezo ao trabalho: “A abstenção do trabalho é a evidência convencional de riqueza e, portanto, o sinal convencional de status social; e essa valorização da riqueza como mérito leva a uma insistência ainda mais rigorosa no lazer”⁵ (Veblen, 1994, p. 21, tradução nossa).

O personagem de Tom é o arquétipo do aristocrata ocioso, um herdeiro que vive em uma mansão “colonial georgiana, toda branca e vermelha, com vista para a baía” (Fitzgerald, 2011, p. 71), com tempo de sobra para jogar polo, manter um caso extraconjugal e propagar ideias preconceituosas, mas não apresenta nenhuma ocupação produtiva ou profissional concreta. Em outro momento Nick cita:

— Afinal, quem é esse Gatsby? — perguntou Tom de repente.
 — Algum figurão contrabandista?
 — Onde você ouviu isso? — perguntei.
 — Em lugar nenhum. Eu presumi. Você sabe que muitos desses novos-ricos não passam de contrabandistas (Fitzgerald, 2011, p. 170).

Nesse diálogo entre Tom e Nick, fica evidente o desprezo de Tom com quem não pertence à classe dominante a qual ele faz parte. Quando Nick comenta que Tom e Daisy “esmagavam coisas e criaturas e depois se protegiam por trás da riqueza ou de sua vasta falta de consideração” (Fitzgerald, 2011, p. 239), percebe-se como o casal Buchanan são protegidos pela riqueza herdada, como eles são ociosos e irresponsáveis, e vivem imunes às consequências de seus atos, sem demonstrar qualquer compaixão e empatia às pessoas que estão socialmente abaixo de sua classe.

O consumo está presente na classe *old money* de forma discreta. Apesar de possuir os bens materiais, isso não é ostentado, porque eles não precisam buscar por prestígio, esse já está garantido pela tradição que compõe suas heranças. Em contrapartida, temos Gatsby, o exemplo perfeito de *new money*; um homem que nasceu e cresceu em um ambiente social pobre que

⁵“Abstention from labour is the convenient evidence of wealth and is therefore the conventional mark of social standing; and this insistence on the meritoriousness of wealth leads to a more strenuous insistence on leisure”.

adquiriu sua fortuna recentemente, fugindo dos padrões tradicionais da elite. A riqueza de Gatsby é performática, feita para ostentar e impressionar. Ao contrário do casal Buchanan, Gatsby não possui prestígio, então, ele se vê na necessidade de conquistá-lo.

Todas as sextas-feiras, cinco caixas de laranjas e limões chegavam de uma quitanda em Nova York — às segundas-feiras, essas mesmas laranjas e limões saíam pela porta dos fundos numa pirâmide de cascas vazias. Na cozinha, havia uma máquina capaz de extrair o suco de duzentas laranjas em meia hora, bastando que um botão fosse apertado duzentas vezes pelo polegar de um mordomo (Fitzgerald, 2011, p. 102)

Gatsby representa o consumo conspícuo descrito por Veblen; ele precisa constantemente exibir sua riqueza para tentar adquirir alguma legitimidade. “O consumo conspícuo de bens valiosos é um meio de adquirir reputação para o cavalheiro ocioso”⁶ (Veblen, 1994, p. 36, tradução nossa).

Contudo essa legitimidade nunca é alcançada, para Gatsby falta o capital simbólico, que, de acordo com Bourdieu, “é o poder de fazer ver e fazer crer, o poder de consagrar, de dar valor” (Bourdieu, 1989, p. 12). Gatsby jamais será aceito pela elite tradicional, os *old money*, pois possui dinheiro, mas carece de prestígio, nome e tradição, evidenciando que o capital econômico embora importante, não é o único fator de poder, o capital simbólico ainda continua sendo determinante.

5 CONCLUSÃO

A relação de Daisy e Gatsby, no romance de Fitzgerald, é completamente marcada pelas oposições das posições do *old money* e *new money*, classes que transcendem a simples diferença econômica e exibem estruturas simbólicas e sociais mais rigorosas e excludentes. Gatsby, que pertence a categoria do *new money*, é um homem que, embora exageradamente rico, vive à margem das convicções sociais tradicionais da elite. Daisy, por sua vez, é a face do *old money*, sempre cercada por seu prestígio herdado de uma identidade que não pode ser comprada ou simulada.

Essa distinção de classe é o principal obstáculo entre os dois personagens. Apesar dos resquícios de um amor um dia vivido pelos dois, Daisy não está disposta a largar o mundo de privilégios herdados no qual pertence, mesmo que em um relacionamento desagradável, o fato de que Tom é um membro da elite tradicional traz para ela a segurança e estabilidade tão atrativa

⁶ “Conspicuous consumption of valuable goods is a means of reputability to the gentleman of leisure”.

para qualquer indivíduo, principalmente para uma mulher nos anos 1920. Mesmo com Gatsby embarcando em uma performance luxuosa no intuito de apagar a quem um dia ele foi, um jovem homem humilde, ele nunca será reconhecido como igual por aqueles que detêm um verdadeiro capital simbólico, como o marido de Daisy Tom Buchanan.

A dinâmica entre as personagens esclarece, portanto, que as classes sociais *old money* e *new money* não se limita apenas às diferenças financeiras, mas envolve um sistema complexo de distinção e exclusão simbólica. Existe um conjunto de práticas, gostos, comportamentos e relações sociais que funcionam como métrica para distinguir aqueles que pertencem às classes dominantes.

A obra mostra a fragilidade de formar o seus valores apenas de riquezas materiais, ficando evidente como o romance de Fitzgerald transpassa o tempo no qual foi escrito, suas críticas à superficialidade da elite e ao ideal ilusório do Sonho Americano continuam condizentes com a sociedade atual, onde devido à internet e o aumento de novos ricos, se criou uma ilusão de “facilidade” em conquistar riqueza e sucesso, fazendo com que pessoas mudem o foco de suas vidas em busca de algo que na realidade se encontra mais distante do que eles imaginam.

Concluindo, Fitzgerald expõe que, mesmo dentro das elites, existem hierarquias e barreiras irremovíveis, fazendo com que a história de Daisy e Gatsby não seja apenas uma tragédia romântica, mas uma crítica à ilusão de mobilidade do Sonho Americano. O romance revela que, mesmo com riqueza material, é impossível ultrapassar as barreiras de pertencimento e prestígio social, derrubando a ideia de meritocracia.

REFERÊNCIAS

BAL, Mieke. **Narratologia**: uma introdução à teoria da narrativa. Florianópolis: Editora UFSC, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. *In*: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHURCHWELL, Sarah. **Careless People: Murder, Mayhem, and the Invention of The Great Gatsby**. New York: Penguin Books, 2014.

FITZGERALD, F. Scott. **O Grande Gatsby**. Tradução de Vanessa Barbara. 1. ed. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2011.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e Interpretação da Obra Literária**. Coimbra: Armenio Amado Editor, 1968.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.

SILVA, Lorena de Melo. **Consumo nas redes sociais: o mercado digital e os conceitos de "Old Money" e "New Money"**. 2024. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2024.

TYSON, Lois. **Critical Theory Today: A User-Friendly Guide**. New York: Routledge, 2006.

VEBLEN, Thorstein. **The Theory of the Leisure Class: An Economic Study of Institutions**. New York: Dover Publications, 1994.